

TRANSFORMAÇÕES E RETRANSFORMAÇÕES NO BAIRRO MARACANÃ

Andréa de Oliveira Raimundo - acadêmico

Beatriz Pereira Triane - acadêmico

Bruno Cunha Vianna - acadêmico

Carolina de Campos Carvalho - acadêmico

Eric Quintino Costa - acadêmico

Jimena Harguindeguy - acadêmico

Jonathan da Silva Marcelino - acadêmico

Julio Cesar Ferreira Santos - acadêmico

Marta do Nascimento Silva - acadêmico

Pablo Jordão da Silva - acadêmico

Regiane Laura Rodrigues de Souza - acadêmico

Tatiana de Souza Ferreira - acadêmico

PET Geografia UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientador: Tutor Dr. Miguel Ângelo Campos Ribeiro

RESUMO

A análise do fenômeno urbano apresenta inegável importância nos procedimentos que visam compreender os principais processos que têm lugar na cidade contemporânea. A análise do bairro pelo bairro não será a tônica desta pesquisa, pois seria responsável por omissões teórico-metodológicas comprometedoras para a nossa análise. Abordar o bairro Maracanã, destrinchando suas temporalidades e a repercussão espacial na forma de estrutura, mostra-se imperfeito diante de um problema fundamental que precede a nossa análise: as transformações do bairro Maracanã. Para isso, será necessário confrontar duas

conformações, uma de cunho mais formalista, enquanto a outra, pertencente ao plano da subjetividade.

INTRODUÇÃO

A análise espacial do fenômeno urbano apresenta inegável importância nos procedimentos que visam a compreender uma série de processos que têm lugar especialmente na cidade contemporânea. É de sua natureza relevar o modo pelo qual o capital produz e se reproduz sobre o espaço. Entretanto, a fragmentação característica do espaço urbano exige uma leitura atenta não só da paisagem urbana, mas de uma dinâmica responsável por toda a trama complexa levada a cabo pelos agentes modeladores do espaço urbano.

Neste sentido, é importante considerar que a cidade é articulada pelos fluxos de toda ordem. Por ser fragmentado, o espaço urbano reflete as desigualdades sociais e, por ser articulado e dinâmico, é mutável. São essas algumas lições que Correia (1994) transmite e introduz elementos para a reflexão.

Bem distante (na aparência) daquela existência mecânica característica do século XIX, no século XX torna-se usual relacionar-se com a cidade, com o bairro, com a rua, de modo diferenciado. Forja-se uma identidade do indivíduo (e da coletividade a qual pertence este indivíduo) com parcelas de espaço urbano. Uma relação que, inclusive, é apropriada pelo mercado imobiliário e incluída no valor venal das propriedades. Essa dimensão simbólica do espaço urbano permite uma associação das classes sociais com este espaço e alguns elementos (objetos geográficos) constituintes da forma urbana: os fixos sociais.

Dessa forma, desvendar a forma urbana é destacar as lógicas espaciais que perpassam a cidade configuram aqui os objetivos dessa pesquisa, tentando compreender os diferentes usos da terra efetivados pelos agentes modeladores do espaço a ser analisado. Seguindo essa trilha, é fundamental destacar as funções inerentes ao espaço urbano. Por outro lado, o movimento da sociedade exige a adaptação do espaço as suas

demandas. O espaço transforma-se e retransforma-se de acordo com a temporalidade em foco. A alteração da estrutura urbana para a apropriação de novas funções ganha materialidade com os fixos sociais. Construídos por agentes sociais que revelam a quem pertence o espaço.

Assim, nossos objetivos demonstram uma preocupação referente a uma abordagem ampla, que revela, não esconde; integra, não desune. Por isso, consideramos relevante empreender esse tipo de análise para o espaço compreendido como “Maracanã”, indo além do complexo esportivo homônimo. Sua dinâmica em diferentes temporalidades merece destaque a fim de encontrar os processos e elementos que resultaram na atual estrutura. É importante destacar que a análise do bairro pelo bairro não será a tônica desta pesquisa, pois seria responsável por omissões teórico-metodológicas comprometedoras para a nossa análise. Uma metodologia particular deverá permitir que escapemos à simplificação, apresentada a seguir.

Abordar o bairro Maracanã, destrinchando suas temporalidades e a repercussão espacial na forma de estrutura, lado a lado às transformações na cidade do Rio de Janeiro, contudo, mostra-se imperfeito diante de um problema fundamental que precede a nossa análise: a definição da área do Maracanã. Para isso, será necessário confrontar uma de cunho mais formalista, e outra pertencente ao plano da subjetividade. Compreender os limites do bairro é tarefa primária confrontando e sobrepondo o *oficial* (delimitado pela Prefeitura) e o *vivido* (percebidos pelos transeuntes, moradores, usuários do espaço).

Tendo a “definição” do Maracanã disponível, poderemos observar os principais espaços e fixos sociais pertencente ao espaço em tela e a relação da sociedade com os mesmos. Essa etapa da pesquisa buscará estabelecer domínios de parcelas distintas da coletividade, refletindo relações múltiplas dos indivíduos com os fixos e espaços. Através da identificação das centralidades (os principais fixos do bairro e os espaços públicos relevantes), buscamos investigar que tipos de fluxos são atraídos para o Maracanã, seus objetivos e suas origens. Dessa maneira, conseguiremos articular o bairro e suas funções em uma perspectiva maior, voltada à cidade do Rio de Janeiro. Mapear múltiplos territórios

no Maracanã e as territorialidades multiescalares dos fluxos que conferem vida ao lugar é um objetivo que serve de base a uma discussão identitária importante a partir da questão: o Maracanã é *realmente* um bairro ou apenas um suporte de serviços para a cidade do Rio de Janeiro?

Algumas questões são imprescindíveis para nortear o desenvolvimento da pesquisa. Referente à investigação que nos propusemos realizar, surge uma questão principal: quais seriam os elementos que constituem uma identidade ao bairro Maracanã? Alguns desdobramentos inerentes a essa questão surgem no decorrer da pesquisa: como esses elementos atuam? De que forma desenvolver o conceito de identidade a partir do recorte espacial? De que forma a UERJ e o estádio Jornalista Mário Filho contribuem para a formação da identidade do Bairro? Qual é a relação entre a configuração espacial real do bairro e a configuração concebida pela população? Quais são os principais fluxos e que tipos de fluxos convergem em sua direção? A compreensão destas indagações torna-se significativa da orientação da proposta de investigação.

BAIRRO MARACANÃ: HISTÓRICO E FORMAÇÃO DO BAIRRO

A Região que hoje abriga o bairro Maracanã fazia parte de uma das 21 freguesias ou paróquias, que formavam o Rio de Janeiro no século XVIII, freguesias que eram divididas sob aspecto eclesiástico. A freguesia de São Francisco Xavier do Engenho Velho foi criada em 1762 e pertencia a Ordem dos padres Jesuítas, que utilizavam a área como lavoura de diversas culturas como arroz, cacau, etc. A freguesia abrigava os antigos bairros do Andaraí Grande e Andaraí Pequeno, Aldeia Campista, Fábrica das Chitas e Vila Isabel. Posteriormente formaram a região da Grande Tijuca.

O Rio Maracanã possui 8.510 metros de extensão desde sua nascente na vertente Norte do Maciço da Tijuca até sua foz, sendo um dos rios contribuintes ao Canal do Mangue, que por sua vez alimenta a baía de Guanabara.

Considerado um dos principais rios da Grande Tijuca, o Rio Maracanã foi responsável pela nomenclatura do bairro, é um dos grandes pontos de discussões a cerca das enchentes no Município do Rio de Janeiro. Em 1818 a 1823 foi feito o primeiro plano de captação de suas águas, com a construção de um encanamento provisório até o Campo de Santana (atual Praça da República). O novo encanamento foi realizado na década de 50 do século XIX no baixo curso do rio, onde o terreno era um alagadiço e devido ao elevado grau de urbanização ocorrido na área gerou problemas antagônicos. Com isso, devido à urbanização relacionada à valorização do solo, foi expandida a canalização do rio Maracanã em 1950, gerando freqüentes inundações. Essas enchentes causadas pela impermeabilização dos solos juntamente com a redução do espaço para o fluxo de água (diminuição na vazão regular do rio) aumentam o volume dos rios que acabam transbordando.

A área da atual Grande Tijuca, onde está o bairro Maracanã, era nos primórdios da colonização do Brasil um grande território pantanoso. O adensamento populacional do bairro Maracanã, seu desenvolvimento urbano e seu processo de edificação foram condicionados pelo leito do rio. Até hoje o bairro conserva algumas características urbanas do século XIX, como residências com arquitetura de época e ruas arborizadas.

Devido a sua importância, o rio Maracanã vem sofrendo diversas mudanças a fim de melhorias na infra-estrutura interna da cidade, tentando desta forma, solucionar alguns problemas oriundos das chuvas. O rio Maracanã dentro do bairro tem o seu traçado contido por calha, com objetivo de reduzir os riscos de enchentes em dias de temporais. Devido à sinuosidade do rio em muitos trechos de seu leito há obras de correção para melhorar a vazão.

O rio Maracanã caracteriza a identidade do bairro, já que o mesmo recebeu seu nome e ele é fundamental para a dinâmica e estrutura do bairro, que sofre com os inúmeros problemas recorrente desse aporte hidrográfico.

DESENVOLVIMENTO URBANO DO BAIRRO MARACANÃ

A partir da segunda metade do século XIX, a região começa a passar por intensas transformações. A expulsão da Ordem dos Jesuítas do Brasil e a necessidade de se expandir a cidade do Rio de Janeiro para áreas mais afastadas do centro, as fazendas, os sítios e as chácaras deram lugar a belos sítios de morada, que atraíam uma população de maior poder aquisitivo, tornando esta área de classe média alta. Mais precisamente a partir da década de 1870, inicia-se um processo de urbanização nesta área, quando, mais precisamente em 1873, o Governo Imperial delegou as freguesias de São Cristóvão, de Inhaúma e Engenho Velho, possibilitando a construção de novas edificações, sempre voltados para atender a uma população de classe média alta, permitindo um maior desenvolvimento para os bairros ali localizados. É neste período, portanto, que se tem a formação do bairro Maracanã, que juntamente com os bairros da Tijuca, Engenho Velho, Andaraí e Vila Isabel, vão sendo incorporados a malha urbana da cidade.

A rua São Francisco Xavier, hoje uma das mais importantes do bairro, era apenas um caminho que interligava as diversas chácaras que ali existiam e que faziam parte da então freguesia do Engenho Velho.

É importante considerar que o bairro sempre teve uma importância esportiva para a cidade. Foi nessa região que, na metade do século XIX, surgiram as primeiras sociedades turfísticas do Rio de Janeiro. Tradicionalmente, a região das antigas chácaras sempre viveu em torno da área onde hoje é o estádio Mário Filho, o Maracanã. Nesta região funcionava o Derby Clube, a segunda grande associação de turfe fundada no Rio, em 1885, por André Gustavo Paulo de Frontin.

A favela do Esqueleto, caracterizada pela sua horizontalidade, remonta a época do jamais concluído Hospital das Clínicas da Universidade do Brasil, após o fechamento do Derby Club. Aquela aglomeração posteriormente seria removida devido a políticas de remoção de favelas na cidade do Rio de Janeiro, cedendo espaço a UEG - conforme levantamento realizado, constatou-se que já na década de 40, havia publicações a respeito da remoção dessas formas de habitação na então Capital Federal.

O programa de "desfavelização" da cidade do Rio de Janeiro teve início com o primeiro governador eleito do ex-estado da Guanabara (Carlos Lacerda - 1960 a 1965), a partir da Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara (Cohab), subordinada à Secretaria de Serviços Sociais. O discurso historicamente usado encontra fundamento na falta de higienização da cidade e busca estreitar o diálogo entre a favela e a cidade "legal". Concebe-se para o uso do solo onde se encontrava a favela do Esqueleto, uma finalidade diferente da que ali existia, já que as casas haviam sido erguidas ao redor do inacabado Hospital das Clínicas da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim sendo, em setembro de 1949 o Governo Federal adotou políticas de remoção de favelas. As famílias cadastradas eram conduzidas para os conjuntos habitacionais e os barracos iam sendo derrubados. Os últimos 495 barracos da Favela do Esqueleto foram demolidos em 1965. Os ex-moradores acreditam até hoje que a ação teve fins políticos. Os moradores foram remobilizados para o atual bairro da Vila Kennedy, na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

Em relação à Universidade, foi fundada em 1950 como Universidade do Distrito Federal, quando o Rio de Janeiro era a Capital Federal, com a mudança desta para Brasília, passou a ser Universidade do Estado da Guanabara e em 1975 com a fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro passou a ser a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Data de julho de 1965 o parecer que definiu a localização do campus na área da "Favela do Esqueleto". O local foi destinado à construção da UEG por ser próximo ao Hospital Pedro Ernesto, onde já funcionava a Faculdade de Ciências Médicas. Depois de muitas negociações com o governo do estado e a prefeitura, e quase dez anos de obras, a Universidade do Estado da Guanabara finalmente passaria a funcionar no seu atual espaço. Com a conclusão da construção do Pavilhão João Lyra Filho, que se constitui o corpo principal da Universidade, o Reitor Caio Tácito inaugurou em março de 1976, o Campus Universitário Francisco Negrão de Lima, no Maracanã. A partir desse momento, a UEG ocuparia uma área de 150.000 m² onde há um pavilhão de doze andares (João Lyra Filho), um outro de quatro pavimentos (Haroldo Lisboa da Cunha) e cinco construções de apoio -

uma capela ecumênica, uma concha acústica, um auditório central, um centro estudantil e um restaurante universitário (que não chegou a ser construído).

O bairro Maracanã teve sua criação oficializada somente em 23/7/1981 segundo a Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU). Segundo esta secretaria, esta é a data do Decreto que oficializa a nomenclatura, descrição e delimitação de todos os bairros do município pela primeira vez. Atualmente, o bairro Maracanã faz parte da IX Região Administrativa (RA IX) - Vila Isabel, que abrange os bairros de Vila Isabel, Andaraí, Grajaú e Maracanã. O bairro ocupa uma área territorial de aproximadamente 1,67 km², com uma área total construída de 100% não apresentando área verde. O bairro, portanto, é totalmente urbanizado, com ruas asfaltadas, rios canalizados e rede de esgoto implantada em toda a região. Quanto ao uso do solo, pode-se dizer que é basicamente residencial, com grande número de imóveis e particularmente de edifícios. A população do bairro está em torno de 28 mil habitantes.

CONCEITO DE BAIRRO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O conceito de bairro há tempos, tem sido motivo de amplo debate. A complexidade de representação desta “porção” da cidade representa um desafio frente à utilização de um único conceito que possa abarcar tais relações e sensações sociais que se dão em determinado espaço. Por isso, optamos por uma conceituação de bairro que possa além de representar as variadas escalas de análise, também investigue essa particularidade que constitui uma localidade dentro da cidade do Rio de Janeiro.

Uma primeira concepção que temos de bairro está ligada aos critérios para delimitação do uso do solo pela administração pública, que definem assim os seus limites, sendo compreendido como a menor porção da unidade administrativa. Em grande parte dos casos, os limites estabelecidos pelo poder público não coincidem com o bairro “vivido” pela população que reside em tais espaços (Soares, 1965).

Para a caracterização de um bairro, Soares (op.cit.) considera quatro elementos relevantes na sua representação:

(...) **paisagem urbana**, isto é, o tipo de casas, idade e estilo das construções, disposição das ruas, etc; seu **conteúdo social**, isto é, nível e modo de vida de seus habitantes; sua **função**, isto é, seu papel dentro do organismo urbano (...); no caso do Rio de Janeiro,(...) **sítio** do bairro, isto é, do local onde ele se implantou.

Este conceito prioriza os elementos formadores que estão dispostos na paisagem do bairro, entretanto, outros autores apresentam a subjetividade como uma via de extrema riqueza para a análise do mesmo.

Através da percepção da forma física da cidade, Kevin Lynch (1982) defende que a disposição destas formas, pode ser justificada quando as mesmas são representativas ou dotadas de significado pela população. Tendo a subjetividade como principal categoria de análise, o autor considera significativos outros fatores que influenciam a imagem de uma cidade: o significado social de uma área, sua função, sua história e o seu nome.

Os limites funcionam como “referências secundárias” (LYNCH:1982) e podem representar na imagem do observador, o encontro entre duas áreas distintas e simultaneamente a união entre áreas diversas. No caso do bairro, outro elemento considerado pelo autor, o reconhecimento acontece em dois momentos: um primeiro quando se entra no bairro, e em um segundo quando se conhece algo de comum e identificável. Os cidadãos costumam, segundo ele, estruturar a cidade a partir da concepção de bairro e das vias que costumam observar em seu trânsito pela cidade.

Outra contribuição quanto à um bairro “vivido” e “sentido” pela população, nos é apresentada por Souza (1989), quando o autor discute a base da identidade que se dá na sensação de empatia com o bairro. O bairro deve ser analisado, de forma objetiva, como uma individualidade de formas espaciais e funções e de forma subjetiva o bairro como espaço vivido e sentido por um coletivo. Ambas investigações devem interagir sem que haja supervalorização de determinada análise.

A partir deste breve referencial teórico sob a concepção do conceito de bairro, e calcado nas idéias de Lynch(1982), além da forma física do bairro Maracanã procuraremos investigar se as referências, que o autor apresenta como “secundárias” (os limites), estão presentes na percepção da população que ali reside e se as mesmas oferecem-nos pressupostos que possam balizar o reconhecimento de uma dada população do bairro em estudo.

RESULTADOS ESPERADOS

Através das consultas ao Plano Diretor do município do Rio de Janeiro, bem como a elaboração de mapa que reflitam as formas oriundas dos variados processos de transformação que incidem sobre o bairro Maracanã a partir, inclusive, das apreensões subjetivas dos moradores e usuários deste espaço, o mapeamento do uso do solo urbano constitui instrumento necessário para o nosso estudo, esperamos saciar os nossos questionamentos levantados na introdução deste trabalho.

A que se ressaltar que usamos como metodologia a adoção de questionários tendo em vista a significativa relevância dos dados além da realização de pesquisas empíricas relativas ao recorte espacial. Assim pretendemos elaborar um mapa mental do bairro resultante das entrevistas que visa captar como o usuário do espaço percebe o bairro.

Confrontaremos os limites de bairro *oficial* e *vivido*, assim obteremos um de nossos principais resultados, pois perceberemos se há e como são as discrepâncias entre estes mapas, o que significaria uma não aceitação do *oficial* ou desconhecimento.

petgeo@uerj.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. (Trad. M. C. T. Afonso) Lisboa: Edições 70, 1982 [1960]

SOARES, Maria T. de S. O Conceito de Bairro e sua Exemplificação na Cidade do Rio de Janeiro. In: BERNARDES, Lysia e SOARES, Maria T. de S. *Rio de Janeiro: Cidade e Região*. Rio de Janeiro: IBGE, 1995 p.105-120 (Biblioteca Carioca)

SOUZA, Marcelo J. de. O Bairro Contemporâneo: ensaio de abordagem política. Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v.51, n°2, p.139-172, abr/jun. 1989.